

A morte da bezerra

Expressões idiomáticas mórbidas suavizam o peso da realidade

DANIEL GOTILLA, ELIZABETH SUCUPIRA, PEDRO VINÍCIUS E THALES MARTINS

Pesquisar a genealogia dos santos, bater as botas, subir no telhado, vestir o paletó de madeira, cantar para subir, passar dessa para uma melhor ou ir para o andar de cima são apenas variações para designar a morte. Artifícios da língua, as expressões idiomáticas permitem que, a partir de uma criatividade da cultura popular, o brasileiro encontre diversas formas de tratar temas mórbidos e tristes. Se as frases – que mais parecem metáforas – são utilizadas com frequência para substituir o politicamente correto falecimento, então não restam dúvidas de que o principal objetivo desses termos é suavizar o peso da morte.

O eufemismo que circunda o tema não esconde a ironia e até mesmo a irreverência do brasileiro quando fala da morte. Seria muito mais simples e até, no sentido mais correto, tratar o assunto de forma direta e objetiva. No entanto, nem a morte escapa das brincadeiras típicas da cultura do país. Dizer que “passou dessa para uma melhor” é afirmar em falso algo que jamais alguém voltou para atestar. “Vestir o paletó de madeira”



Subir no telhado

ressalta ainda mais o caráter fúnebre do momento a partir de uma sátira bem humorada. Até o escritor Machado de Assis fez questão de dar à morte um significado talvez mais interessante que simplesmente “ir para o andar de cima” e, por isso, imaginou “uma pesquisa da árvore genealógica dos santos”.

Se desagrada ouvir que alguém

foi “comer capim pela raiz” certamente não foi essa a intenção da credence popular. Para o autor do livro *Casa da Mãe Joana*, Reinaldo Pimenta, as expressões surgem da necessidade de resolver uma carência do dicionário. Na avaliação do professor, a morte tem várias denominações porque o brasileiro sempre prefere suavizar o tema, prin-

Daniel Vargens



Paletó de madeira

principalmente quando se trata de assuntos desagradáveis.

– É claro que no dicionário existem todas as palavras que o brasileiro precisa, mas as expressões idiomáticas nada mais são do que um complemento, uma forma de enriquecer o vocabulário popular. Se elas existem é porque certamente havia a necessidade de ser dito algo e um dicionário não foi suficiente. É perfeitamente compreensível que o brasileiro prefira tratar a morte a partir de uma metáfora, pois predomina na cultura uma tentativa constante de falar bem, aliviar a tensão, ou seja, amenizar a situação – explica.

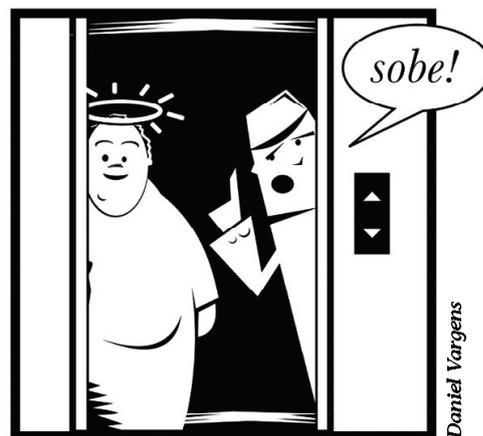
Segundo o escritor e folclorista Câmara Cascudo, os ditados populares são frases que dão fundamento à cultura e à sabedoria do povo. Cascudo acreditava ainda

que essas expressões são transmitidas pela realidade da população mais simples, durante muito tempo. E cada expressão tem a sua própria história:

Pensando na morte da bezerra - Quando uma pessoa está com o olhar distante, pensativa, costumamos dizer que ela está “pensando na morte da bezerra”. Mas por quê? O bezerro era um animal adorado pelos hebreus e costumava ser vítima de sacrifícios em altares para homenagear Deus. Segundo a Bíblia, quando Absalão resolveu que uma bezerra deveria ser sacrificada, seu filho mais novo ficou desolado, pois tinha enorme zelo pelo animal. Consta que o menino, deprimido, passou os dias após o sacrifício, sentado ao lado do altar, triste, pensando na morte da dita cuja. Meses depois, o menino morreu.

Agora Inês é morta - A expressão denota a morte de Inês de Castro, cantada por Luís de Camões na obra *Os Lusíadas*. A Inês cantada por Camões morreu degolada a mando do Rei D. Afonso IV, em 1355. Ela foi assassinada depois que seus irmãos fizeram com que seu amante, D. Pedro, quisesse intervir nas lutas dinásticas castelhanas. O Rei para vingar-se dos irmãos Castro, condenou a dama portuguesa à morte por decapitação. D. Pedro, ao tornar-se Rei de Portugal, coroou Inês de Castro Rainha de Portugal. Então, a frase “agora Inês é morta” ganhou significado: a inutilidade de certas ações tomadas tardes demais.

Bateu as botas - “Bateu as botas”? Como assim? Essa ex-



Daniel Vargens

pressão, assim como “abotoou o paletó de madeira” são aplicáveis somente aos homens. Botas e paletós são peças típicas do vestuário masculino. Contudo, com a revolução sexual do século XX, as mulheres também podem “partir dessa para uma melhor”, vestidas e calçadas. A origem da expressão remete aos enterros de famílias mais abastadas que podiam vestir seus mortos desta forma. Vale lembrar que calçados eram símbolo de *status* no Brasil Império.

Até que a morte os separe - Quem pretende trocar alianças deve ir se acostumando com a frase. Ela é usada nas cerimônias de casamento, principalmente as cristãs, que acreditam que os laços matrimoniais são eternos. Na Bíblia, na Primeira Epístola aos Coríntios, São Paulo reforça a idéia de que a união entre um homem e uma mulher não foi instituída pelos humanos e sim por Deus.

A vida é breve - A frase, original da Grécia, faz parte da primeira máxima de Hipócrates. Tem sido repetida exaustivamente ao longo dos séculos, também foi usada por Tom Jobim, na canção *Querida*, mas na ordem inversa: breve é a vida